

BIBLIOTECAS ESCOLARES E A LEITURA NA ESCOLA PÚBLICA

ANA MARIA DA COSTA SANTOS MENIN (UNESP), RENATA JUNQUEIRA DE SOUZA (FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA - UNESP).

Resumo

Apresentaremos, neste evento, parte de uma pesquisa maior que visa estudar a contribuição que pode oferecer a literatura infantil e juvenil para a efetiva formação do leitor. Optamos por fazer um recorte da primeira fase da pesquisa que coletou dados quantitativos por meio de uma pesquisa etnográfica. Trabalhamos com 901 docentes e 110 bibliotecários das cidades de Assis, Presidente Prudente e Marília, do Estado de São Paulo–Brasil, com o objetivo de verificar entre outros aspectos qual o perfil cultural deste professor: o que lê, quais livros compra, quais filmes assiste, como assiste e, conseqüentemente, como o acesso e apreciação das diversas manifestações culturais podem interferir na escolha e na circulação de livros de literatura infantil e juvenil em sua prática docente; e dos responsáveis pelas bibliotecas no espaço escolar na constituição das práticas de leitura escolares. São diversos os dados utilizados para análise, mas destacam-se os contrastes havidos entre os discursos de professores, alunos e responsáveis por bibliotecas e suas práticas cotidianas em sala de aula. A ênfase está na avaliação das práticas de leitura e da circulação da literatura na escola. Trataremos, principalmente, dos dados referentes à leitura em ambiente de biblioteca, das relações entre o professor e a biblioteca e das relações entre o responsável pela biblioteca e a leitura, entre outros aspectos. Os resultados revelam que a questão da avaliação da leitura e das práticas didáticas são ainda recorrentes. Especificamente quanto à leitura, um dos problemas mais sérios é não compreender que não há um sentido único, uma interpretação “correta”, uma direção “certa”, a ser atingida quando se lê uma obra. Neste sentido, a pesquisa aponta para mudanças: a necessidade de que haja uma intenção clara de auxiliar os estudantes no processo de mediação de leitura também no espaço da biblioteca escolar.

Palavras-chave:

bibliotecas escolares, leitura, escola pública.

BIBLIOTECAS ESCOLARES E A LEITURA NA ESCOLA PÚBLICA.

MENIN, Ana Maria da Costa Santos[1]

SOUZA, Renata Junqueira de[2]

ARENA, Dagoberto Buim[3]

GIROTTO, Cynthia Graziela S.[4]

Introdução

Esta comunicação propõe discutir sobre as contribuições dos trabalhos realizados dentro das Bibliotecas nas Escolas Públicas, desenvolvem para a manutenção de atividades sistemáticas com a leitura. Contudo, primeiramente, vale contextualizar a pesquisa no âmbito da qual se discute este espaço nomeado Biblioteca. A investigação que abriga esta discussão partiu da iniciativa de dois grupos de pesquisa com propósitos semelhantes: o grupo do "Centro de Estudos de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil", da Universidade Estadual Paulista, FCT-UNESP (Brasil). O grupo de pesquisadores é formado por oito docentes da UNESP, Estado de São Paulo, Brasil pertencentes a três campi - Assis, Marília e Presidente Prudente. Esse grupo analisa as diferentes situações de trabalho com literatura e leitura presentes no cotidiano escolar, refletindo as relações estabelecidas entre o ensino da língua e a sua apropriação por parte dos alunos. Volta-se, ainda, para a produção infantil e juvenil literária publicada no Brasil, atualmente. Por meio destas análises, é possível estabelecer relações entre o lugar do livro na escola e, em decorrência, os modos de ler e de produzir textos nas instituições escolares. Esta pesquisa elege como objetivo principal estudar a contribuição que podem oferecer as literaturas infantil e juvenil, para a efetiva formação do leitor em suas relações com o aprendizado da língua portuguesa. Além desse objetivo geral, foram eleitos outros objetivos específicos verificar, nas escolas estaduais e municipais de 1ª a 6ª séries dos municípios de Presidente Prudente, Assis, Marília, no Estado de São Paulo, Brasil, a presença da literatura infantil e juvenil; como circulam os livros, como são utilizados por professores, alunos e bibliotecários; analisar como os professores promovem a aproximação entre o aluno e a literatura.

Metodologia

A pesquisa desenvolveu-se em três eixos. O primeiro eixo teve como objetivo produzir dados quantitativos, predominantemente, permitindo o registro dos dados em gráficos, tabelas e outros instrumentos semelhantes. Para isso, foram organizados formulários com questões próprias para a produção de informações quantitativas que alimentaram o *software* estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), coletando e analisando dados de forma similar. Assim, buscou-se a coleta de dados quantitativos relativos à presença da literatura nas escolas. Essa coleta foi realizada em escolas do 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental. Após a verificação da presença da literatura, nas escolas, a meta foi, mediante a aplicação de um questionário junto aos professores e coordenadores, verificar como o trabalho com a literatura é realizado nas escolas.; além de, examinar como crianças de 3ª a 6ª série se relacionam com os livros, com as disciplinas que ensinam leitura e com o espaço da biblioteca escolar.

Em Presidente Prudente, trabalhou-se com um total de 53 (cinquenta e três) escolas, sendo 21 (vinte e uma) instituições municipais e 24 (vinte e quatro) estaduais. Em Assis, o grupo de aplicadores visitou um total de 29 (vinte e nove): todas as escolas estaduais - um total de 12 (doze) - receberam nossos alunos, Em Marília, foram pesquisadas 18 escolas municipais e 19 instituições estaduais, perfazendo um total de 37 escolas.

No total, 117 (cento e dezessete) escolas receberam nossos alunos/pesquisadores; 901 professores responderam ao questionário, sendo 343 de Presidente Prudente, 94 de Assis e 464 de Marília. Os coordenadores pedagógicos dessas instituições de ensino também foram ouvidos: 53 coordenadores de Presidente Prudente, 24 de Assis e 37 de Marília. Também conversamos com 109 sujeitos responsáveis pelas bibliotecas escolares e cerca de 5.800 alunos de 3ª a 6ª série responderam a questionários. Para este trabalho, considerada a sua finalidade e as suas limitações

técnicas, foram selecionados apenas alguns dados considerados fundamentais em relação à leitura de literatura infantil e sua circulação nos ambientes escolares, particularmente nas Bibliotecas.

Espaços para leitura

O contato com o texto literário na escola contempla espaços diversificados: o "cantinho da leitura" em sala da aula, a biblioteca escolar, a sala de leitura, e o espaço do lar para a leitura compartilhada com os familiares.

Segundo Colomer (1999), o discurso social a favor de um tipo de leitura livre e autônoma passou a ser introduzido no ambiente escolar, nos últimos anos, permitindo à literatura infantil e juvenil um espaço novo e importante. Ao longo do tempo foi ganhando força o argumento de que os livros utilizados na escola deveriam ser valorados somente a partir de méritos literários e também pela oportunidade que ofereciam para discutir, comparar e favorecer a introspecção e a comunicação.

Em contrapartida, foram gerados alguns equívocos quanto ao modo de ler literatura na escola que, ao contrário das criticadas práticas vistas como tradicionais, autoritárias e limitadoras, proliferou a compreensão da expressão "prazer de ler" como sinônimo de leitura espontânea, sem o acompanhamento de estratégias orientadoras para a sistematização da aprendizagem do que é peculiar ao texto literário.

Neste sentido, pode-se afirmar que ler é mais do que "ler nas linhas" - identificar as informações apresentadas e reproduzi-las, pois estas atividades a maioria dos estudantes faz. Para que leiam com significado, as informações precisam ser integradas ao que esses alunos já sabem. Assim, conversas sobre os textos, desenhos, dramatizações, reescritas e outras atividades só cumprirão o papel de formar leitores competentes se os professores colocarem o foco principal destas ações na compreensão do texto literário.

A existência de biblioteca (cantinho de leitura, sala de leitura)

Quando indagados sobre a existência do espaço "biblioteca", na sua sala de aula (cantinho da leitura ou sala de leitura), a grande maioria dos professores (69,8%) aponta que tais espaços estão presentes, revelando que, de alguma forma, as ações educativas que podem garantir o acesso dos alunos ao livro estão sendo contempladas pela escola e pelos docentes.

Ainda que tais ações possam ser efetivadas sem um suporte teórico e desconectadas de um projeto estruturado e definido pela escola e equipe docente, percebe-se que há um movimento positivo no sentido de garantir a presença do livro na sala de aula e o acesso dos alunos a este objeto de cultura. Ressalta-se que, em determinados contextos, a qualidade dos acervos dos tais "cantinhos de leitura" é duvidosa, compondo-se muitas vezes de livros em péssimo estado de conservação, inadequados para a faixa etária das crianças e/ou de obras que não promovem o interesse e o estímulo dos alunos para a leitura.

Indagados sobre a maneira como tais espaços funcionam em suas salas de aula, os professores relatam que, na maioria dos casos (60,6%), propiciam aos alunos a oportunidade de levar os livros para casa. Reconhece-se aqui uma ação positiva, no sentido de viabilizar o acesso dos alunos e permitir que interajam com a leitura e o livro para além das instâncias escolares. Entretanto, seria importante verificar a

existência de momentos em que tais leituras possam ser compartilhadas, ampliando o repertório através da troca de idéias entre os alunos.

Em questão discursiva sobre a concepção dos professores a respeito do espaço biblioteca, constata-se, a partir dos dados obtidos, que a totalidade dos professores reconhece como importante o papel da biblioteca no âmbito escolar. Nesta análise, cabe destacar que os entrevistados atribuem a esse espaço função relevante na formação leitora dos alunos, incidindo como principais aspectos apontados: a) o acesso à leitura e à diversidade de obras, principalmente para aqueles que encontram na escola o único espaço para o contato com os livros; b) o desenvolvimento da competência leitora; c) a formação do hábito de ler; d) a formação do gosto pela leitura, através do estímulo e do incentivo; e) o desenvolvimento intelectual e cultural dos alunos. Além disso, salienta-se que, significativa parcela dos depoimentos de professores (cerca de 30%), atribui tal importância apenas para o desenvolvimento dos alunos, deixando de fazer qualquer menção à relevância do espaço biblioteca para a sua própria formação ou para a melhoria do trabalho pedagógico que desenvolve. Pode-se concluir, a partir desse fato, que um número significativo de professores percebe a biblioteca escolar como espaço de uso do aluno e, conseqüentemente, desconsidera a importância da mediação entre o texto e o leitor como atuação docente e intervenção pedagógica, ou seja, desconsideram a necessidade de intervir pedagogicamente para aproximar a leitura dos seus alunos, planejando e buscando novas e diferentes estratégias para auxiliá-los no desenvolvimento da competência leitora. Deixando de considerar tais aspectos, corre-se o risco de que a biblioteca seja vista como simples apêndice das escolas, sem relação com o fazer pedagógico.

Nos depoimentos, observa-se também ocorrência significativa de críticas por parte dos docentes quanto à inexistência de bibliotecário na escola, indicando a ausência de um profissional especializado como elemento dificultador para a plena utilização desse espaço com os alunos.

Perfil dos responsáveis pelas bibliotecas das escolas

As pessoas responsáveis pela biblioteca são, em geral, mulheres, com experiência profissional significativa. No universo total de respondentes, 85,3% são do gênero feminino, contra 7,3% do gênero masculino. Oito pessoas não responderam à questão (7,3% do total). O cenário encontrado está em conformidade com o perfil do magistério brasileiro. O mais abrangente e recente estudo nessa área, promovido pela UNESCO (2004), registra 81,6% de mulheres ocupando as funções docentes na escola brasileira.

Quase 61% dos responsáveis pelas bibliotecas são professores de diferentes níveis. Entre os demais, destacam-se funcionários também deslocados, caso de Auxiliar de Desenvolvimento Infantil (ADI) e de agentes escolares, coordenadores pedagógicos, que acumulam também essa atividade, perfazendo-se cerca de 11% do conjunto de respostas. O voluntariado é um fator presente, porém bastante discreto. Em uma escola com biblioteca, a responsabilidade é compartilhada entre todos os professores.

A biblioteca pode ser vista, ao menos em termos de administração escolar, como uma estrutura para alocação de professores que não podem ou querem voltar à sala de aula. Tal situação é particularmente visível nas escolas públicas estaduais, onde a grande maioria dos responsáveis é formada por professores readaptados. Um terço dos estabelecimentos pesquisados corresponde a escolas estaduais, número este equivalente ao percentual de professores readaptados que prestam serviço às bibliotecas. Nas escolas municipais, mais da metade dos responsáveis

pela biblioteca são professores, vários deles também readaptados. Não obstante o número expressivo de respostas em branco (24%), é possível supor que haja ainda mais professores se ocupando da biblioteca nas escolas municipais, posto o discreto número de voluntários, estagiários e funcionários designados para tal função. Entre os demais responsáveis, por seu turno, a metade deles também são funcionários readaptados. Nos casos restantes, não há uma pessoa específica para responder pela biblioteca ou ainda esse atendimento é feito em sistema de rodízio de funcionários. No tocante ao perfil dos profissionais responsáveis pelas bibliotecas, algumas afirmações podem ser esboçadas, com razoável margem de segurança:

- a) Entre os respondentes não há bibliotecários com formação específica para tanto, evidenciando a falta de um estatuto próprio para o preenchimento dessas vagas, bem como a falta de cargos ou de funções especialmente voltadas para tal setor. Ocorre, portanto, a reprodução de um modelo antigo, presente nas escolas estaduais paulistas, de apresentar como secundária a estrutura da biblioteca, que, historicamente, ressalvadas as exceções, foi sendo construída pelo acúmulo de livros e de publicações, armazenadas em locais propostos como biblioteca;
- b) A inexistência de preparação para o trabalho com a biblioteca nas licenciaturas e mesmo em cursos de formação continuada faz sobressair o caráter incipiente do trabalho realizado pelos profissionais para lá deslocados, bem como o voluntarismo do qual se reveste essa função;
- c) A idéia de levar adiante a cultura da biblioteca como uma espécie de armazém tende a ser perpetuada não apenas pela falta de preparação específica, mas também por conta da própria faixa etária predominante entre os responsáveis;
- d) As considerações feitas anteriormente apontam para a necessidade de formação específica dos profissionais envolvidos na biblioteca, sob a forma de cursos de extensão e mesmo com a inclusão de disciplinas relacionadas ao assunto nas licenciaturas.

Os dados apresentados adiante também apontam essa lacuna em termos de formação. Quase a totalidade (95,4%) das escolas possui biblioteca e cerca de 70% dessas bibliotecas estão em espaço próprio. Em 30% das escolas, a biblioteca está em local compartilhado com outras atividades (como sala de vídeo e laboratório de Ciências) ou mesmo em local improvisado. Tais números sugerem que a biblioteca faz parte da estrutura e mantém relativa estabilidade no conjunto da escola (não sofre com mudanças constantes), ao mesmo tempo em que é expressivo o número de escolas onde a biblioteca não está assentada de maneira apropriada.

Cerca de 90% dos responsáveis acreditam que as condições de acesso, de utilização e de controle da biblioteca são ótimas (32%) ou boas (54%). Apenas 9% dos entrevistados afirmam que as condições são precárias ou muito precárias. A percepção acerca das condições de acesso combina com a informação de que 64,2% dos respondentes consideram adequadas as mesas e cadeiras da biblioteca.

O espaço da biblioteca tende a ser discreto. Embora consideradas em boas ou ótimas instalações, 64% das bibliotecas ficam em locais com até 50m², e cerca de 45% dos respondentes acham que tais locais são espaçosos. Isso ajuda a reforçar o argumento de que os profissionais ali envolvidos têm ligação mais administrativa e menos cultural com a biblioteca. Apenas 9% dos responsáveis falam de precariedade nas condições de guarda e conservação.

Quase a metade dos respondentes assume não realizar atividades de leitura na biblioteca (48,6%), enquanto 43,1% disseram promovê-las. 'Hora do conto' e 'Roda de leitura', somadas, estão em número próximo ao das 'outras atividades'. Essas outras atividades, em grande parte, são acompanhamentos burocráticos de atividades externas, propostas por professores ou pelos próprios alunos, e indicação para a pesquisa bibliográfica.

A biblioteca apresenta-se em grande parte acessível aos estudantes, que podem levar os livros para casa em 78% dos estabelecimentos, e são desobrigados de ler na biblioteca em 93,6% dos casos. No entanto, a prática de controle da saída dos livros, por meio de uma carteirinha, é pequena (apenas 22% das escolas o fazem), o que pode indicar uma frequência discreta à biblioteca. Outras estratégias de registro são utilizadas em menos de 10% das escolas (fichas para o registro de retiradas, marcação em livro próprio etc.). Em aproximadamente 40% dos casos, os alunos vão à biblioteca acompanhados pelos professores.

É provável que as estratégias de controle de saída dos livros aconteçam principalmente nas escolas estaduais (que perfazem quase um terço do total de escolas). Já nas escolas municipais a prática de compor pequenas bibliotecas em salas de aula é bastante comum, embora de maneiras diversas. Cerca de 51% das escolas afirmam ter uma sala ou cantinho de leitura - haveria esse espaço em todas ou em várias salas. Nas demais, haveria uma ou duas salas com tal conformação. Uma escola conta com uma cesta de livros, que circula de sala em sala. Noutra, o professor traz livros de sua casa. Em quase 30% das escolas, os professores levam seus próprios livros para a sala de aula.

Além de contar, em boa parte, com o auxílio dos professores, a biblioteca costuma ter horários específicos para o trabalho com o livro; elas funcionam de acordo com os turnos da escola, acompanhando de perto os horários de entrada e saída de alunos. Em 45% dos estabelecimentos, não há limite de tempo para permanecer na biblioteca. Nos demais, o acesso é mais controlado, variando de 15 minutos (0,9% - numa escola), a sete horas por dia (1,8%), mas se concentrando principalmente em uma hora por semana (33% das escolas). O acesso controlado deve-se, sobretudo no caso das escolas municipais, às estruturas de biblioteca ainda iniciantes e ainda contando mais com o voluntarismo de funcionários ou professores do que com a própria estrutura. Há diversos arranjos para o uso das instalações, mas, de maneira geral, eles acompanham as aulas de leitura ou de Língua Portuguesa. Os horários específicos para o uso da biblioteca são justificados pela agitação dos alunos, pela falta de responsáveis, pela necessidade de preservação ou de facilitação do manuseio das obras, e mais para garantir tempo de uso para cada turma de alunos.

A título de conclusão

A biblioteca, em termos de iniciativa para o seu funcionamento, depende mais da ação de professores do que dos seus próprios responsáveis. Estes últimos nela atuam essencialmente, ainda que haja exceções, como controladores da circulação das obras. Evidencia-se o papel administrativo, em detrimento do papel mediador. Isso, por seu turno, pode ser facilmente explicado a partir do perfil não especializado dos profissionais deslocados para a biblioteca; entretanto, não é possível afirmar que elas não funcionariam sem a ação direta dos professores. Em vários depoimentos, observa-se a ação, mesmo que isolada, de promoção de trabalhos da/na biblioteca. É fato, porém, que tal ação deve-se mais à iniciativa pessoal de um ou outro agente educacional do que a uma cultura mais abrangente de formação.

Os programas governamentais são responsáveis por cerca de 65% da composição do acervo de obras literárias. Compra direta (17,4%) e doações (10%), estratégias que implicam iniciativa da comunidade escolar, são visíveis; todavia, repercutem pouco no conjunto das obras. As estratégias mencionadas (limitadas a uma ou duas escolas), falam de arrecadação da própria escola, de envio de obras pelas secretarias municipais de Educação e de professores que levam livros seus para a escola.

O empréstimo e a leitura de livros na biblioteca têm números discretos em metade das bibliotecas, mas revelam a existência de um circuito que transforma esse espaço em parte da vida escolar. A biblioteca tem freqüência intensa em aproximadamente 20% das escolas, onde, segundo os responsáveis, 80 alunos ou mais (até o número de 240, mencionado em uma das escolas) recorrem a ela diariamente. Em quase metade das escolas (49.6%), a freqüência varia entre 20 e 60 alunos por dia, algo equivalente a uma turma de alunos, num dia de pouco movimento, ou até duas turmas de alunos, num dia mais movimentado. Em 23%, a freqüência alcança até 20 alunos por dia. Em que pese haver movimentação permanente na maioria das bibliotecas, é possível também dizer que esse trabalho se sustenta, em boa parte das escolas, por conta da ação de determinados professores, ao encaminharem seus alunos para o acervo, para atividades diversas. Sem esse procedimento, a freqüência espontânea talvez mostrasse uma realidade com números bastante tímidos.

A ação decisiva dos professores confirma-se ainda no que diz respeito às motivações para a freqüência à biblioteca. A ordem ou recomendação de professores é responsável pela maior parte das visitas ao acervo, seguida da curiosidade pessoal (32%) e da sugestão de colegas e familiares (14%). Os funcionários responsáveis pela biblioteca, por seu turno, aparecem discretamente como estimuladores desta freqüência. Cerca de 5% das respostas caminham na direção de mostrar o diálogo entre o aluno e o responsável pela biblioteca.

Os dados apresentados mostram um quadro cuja leitura pode apontar elementos promissores e também desanimadores. Por um lado, têm-se profissionais empenhados, estruturas em funcionamento regular, acervos em parte consolidados e um discurso de maneira geral sintonizado entre os agentes, e que sublinha a importância da biblioteca e da literatura de ficção. Por outro lado, a inexistência de bibliotecários, a predominância de estruturas centradas no arquivo e menos na circulação da informação, o despreparo em termos de estratégias para a consolidação da leitura e da biblioteca no imaginário estudantil, entre outros fatores, mostram um território ainda claudicante. O perfil dos livros de maior aceitação entre os alunos, segundo os responsáveis pelas bibliotecas, acaba por denunciar a discreta participação da biblioteca e mesmo do próprio papel do professor como um estimulador efetivo da biblioteca e da leitura literária: os livros de maior aceitação acabam sendo obras difundidas pela mídia contemporânea ou então aquelas que já fazem parte da cultura propriamente escolar. Mas, ainda assim, a presença de autores contemporâneos e mesmo de clássicos juvenis entre as escolhas revela um trabalho efetivo - e, portanto, possível de ser multiplicado - de incentivo à leitura.

Apoio Financeiro

FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Bibliografia

BRITTO, L. P. L. Leitor interditado. In: MARINHO, M.; SILVA, C. S. R. (Orgs.). *Leituras do professor*. Campinas: Mercado das Letras/ALB, 1998.

CHARTIER, A. M. Leitura escolar: entre pedagogia e sociologia. *Revista Brasileira de Educação*, n. 0, set/out/nov/dez. 1995, p.17-52.

COLOMER, T. *Introducción a la literatura infantil y juvenil*. Madrid: Síntesis, 1999.

EVANGELISTA, A. A. M. A leitura literária e os professores: condições de formação e atuação. In: MARINHO, M.; SILVA, C. S. R. (Orgs.). *Leituras do professor*. Campinas: Mercado das Letras/ALB, 1998.

SILVA, E. T. da. *De olhos abertos*: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1991.

UNESCO. PESQUISA NACIONAL UNESCO. *O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam*. São Paulo: Moderna, 2004.

[1] Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- Faculdade de Ciências e Tecnologia - Presidente Prudente - SP - Brasil. anamenin@fct.unesp.br

[2] Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- Faculdade de Ciências e Tecnologia - Presidente Prudente - SP - Brasil. recellij@gmail.com

[3] Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- Faculdade de Filosofia e Ciências - Marília -SP - Brasil. arena@marília.unesp.br

[4] Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- Faculdade de Filosofia e Ciências- Marília -SP - Brasil

BIBLIOTECAS ESCOLARES E A LEITURA NA ESCOLA PÚBLICA.

MENIN, Ana Maria da Costa Santos¹

SOUZA, Renata Junqueira de²

ARENA, Dagoberto Buim³

GIROTTTO, Cynthia Graziela S.⁴

Introdução

A comunicação a ser apresentada neste 17º. Congresso de Leitura propõe discutir as contribuições que os trabalhos realizados dentro das Bibliotecas nas Escolas Públicas, desenvolvem para a manutenção de atividades sistemáticas com a leitura. Contudo, primeiramente vale contextualizar a pesquisa no âmbito da qual se discute este espaço nomeado Biblioteca. A investigação que abriga esta discussão partiu da iniciativa de dois grupos de pesquisa com propósitos semelhantes: o grupo do “Centro de Estudos de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil”, da Universidade Estadual Paulista, FCT-UNESP (Brasil). O grupo de pesquisadores é formado por oito docentes da UNESP, Estado de São Paulo, Brasil pertencentes a três campi – Assis, Marília e Presidente Prudente. Esse grupo analisa as diferentes situações de trabalho com literatura e leitura presentes no cotidiano escolar, refletindo as relações estabelecidas entre o ensino da língua e a sua apropriação por parte dos alunos. Volta-se, ainda, para a produção infantil e juvenil literária publicada no Brasil, atualmente. Por meio destas análises, é possível estabelecer relações entre o lugar do livro na escola e, em decorrência, os modos de ler e de produzir textos nas instituições escolares. Esta pesquisa elege como objetivo principal estudar a contribuição que podem oferecer as literaturas infantil e juvenil, para a efetiva formação do leitor em suas relações com o aprendizado da língua portuguesa. Além desse objetivo geral, foram eleitos outros objetivos específicos verificar, nas escolas estaduais e municipais de 1ª a 6ª séries dos municípios de

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- Faculdade de Ciências e Tecnologia – Presidente Prudente – SP – Brasil. anamenin@fct.unesp.br

² Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- Faculdade de Ciências e Tecnologia – Presidente Prudente – SP – Brasil. recellij@gmail.com

³ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- Faculdade de Filosofia e Ciências – Marília –SP – Brasil. arena@marília.unesp.br

⁴ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- Faculdade de Filosofia e Ciências– Marília –SP - Brasil

Presidente Prudente, Assis, Marília, no Estado de São Paulo, Brasil, a presença da literatura infantil e juvenil; como circulam os livros, como são utilizados por professores, alunos e bibliotecários; analisar como os professores promovem a aproximação entre o aluno e a literatura.

Metodologia

A pesquisa desenvolveu-se em três eixos. O primeiro eixo teve como objetivo produzir dados quantitativos, predominantemente, permitindo o registro dos dados em gráficos, tabelas e outros instrumentos semelhantes. Para isso, foram organizados formulários com questões próprias para a produção de informações quantitativas que alimentaram o *software* estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), coletando e analisando dados de forma similar. Assim, buscou-se a coleta de dados quantitativos relativos à presença da literatura nas escolas. Essa recolha foi realizada em escolas do 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental. Após a verificação da presença da literatura, nas escolas, a meta foi, mediante a aplicação de um questionário junto aos professores e coordenadores, verificar como o trabalho com a literatura é realizado nas escolas.; além de, examinar como crianças de 3ª a 6ª série se relacionam com os livros, com as disciplinas que ensinam leitura e com o espaço da biblioteca escolar.

Em Presidente Prudente, trabalhou-se com um total de 53 (cinquenta e três) escolas, sendo 21 (vinte e uma) instituições municipais e 24 (vinte e quatro) estaduais. Em Assis, o grupo de aplicadores visitou um total de 29 (vinte e nove): todas as escolas estaduais – um total de 12 (doze) – receberam nossos alunos, Em Marília, foram pesquisadas 18 escolas municipais e 19 instituições estaduais, perfazendo um total de 37 escolas.

No total, 117 (cento e dezessete) escolas receberam nossos alunos/pesquisadores; 901 professores responderam ao questionário, sendo 343 de Presidente Prudente, 94 de Assis e 464 de Marília. Os coordenadores pedagógicos dessas instituições de ensino também foram ouvidos: 53 coordenadores de Presidente Prudente, 24 de Assis e 37 de Marília. Também conversamos com 109 sujeitos responsáveis pelas bibliotecas escolares e cerca de 5.800 alunos de 3ª a 6ª série responderam a questionários. Para este trabalho, considerada a sua finalidade e as suas limitações técnicas, foram selecionados apenas alguns dados considerados fundamentais em relação à leitura de literatura infantil e sua circulação nos ambientes escolares, particularmente nas Bibliotecas.

Espaços para leitura

O contato com o texto literário na escola contempla espaços diversificados: o “cantinho da leitura” em sala de aula, a biblioteca escolar, a sala de leitura, e o espaço do lar para a leitura compartilhada com os familiares.

Segundo Colomer (1999), o discurso social a favor de um tipo de leitura livre e autônoma passou a ser introduzido no ambiente escolar, nos últimos anos, permitindo à literatura infantil e juvenil um espaço novo e importante. Ao longo do tempo foi ganhando força o argumento de que os livros utilizados na escola deveriam ser valorados somente a partir de méritos literários e também pela oportunidade que ofereciam para discutir, comparar e favorecer a introspecção e a comunicação.

Em contrapartida, foram gerados alguns equívocos quanto ao modo de ler literatura na escola que, ao contrário das criticadas práticas vistas como tradicionais, autoritárias e limitadoras, proliferou a compreensão da expressão “prazer de ler” como sinônimo de leitura espontânea, sem o acompanhamento de estratégias orientadoras para a sistematização da aprendizagem do que é peculiar ao texto literário.

Neste sentido, pode-se afirmar que ler é mais do que “ler nas linhas” — identificar as informações apresentadas e reproduzi-las, pois estas atividades a maioria dos estudantes faz. Para que leiam com significado, as informações precisam ser integradas ao que esses alunos já sabem. Assim, conversas sobre os textos, desenhos, dramatizações, reescritas e outras atividades só cumprirão o papel de formar leitores competentes se os professores colocarem o foco principal destas ações na compreensão do texto literário.

A existência de biblioteca (cantinho de leitura, sala de leitura)

Quando indagados sobre a existência do espaço “biblioteca”, na sua sala de aula (cantinho da leitura ou sala de leitura), a grande maioria dos professores (69,8%) aponta que tais espaços estão presentes, revelando que, de alguma forma, as ações educativas que podem garantir o acesso dos alunos ao livro estão sendo contempladas pela escola e pelos docentes.

Ainda que tais ações possam ser efetivadas sem um suporte teórico e desconectadas de um projeto estruturado e definido pela escola e equipe docente, percebe-se que há um movimento positivo no sentido de garantir a presença do livro na sala de aula e o

acesso dos alunos a este objeto de cultura. Ressalta-se que, em determinados contextos, a qualidade dos acervos dos tais “cantinhos de leitura” é duvidosa, compondo-se muitas vezes de livros em péssimo estado de conservação, inadequados para a faixa etária das crianças e/ou de obras que não promovem o interesse e o estímulo dos alunos para a leitura.

Indagados sobre a maneira como tais espaços funcionam em suas salas de aula, os professores relatam que, na maioria dos casos (60,6%), propiciam aos alunos a oportunidade de levar os livros para casa. Reconhece-se aqui uma ação positiva, no sentido de viabilizar o acesso dos alunos e permitir que interajam com a leitura e o livro para além das instâncias escolares. Entretanto, seria importante verificar a existência de momentos em que tais leituras possam ser compartilhadas, ampliando o repertório através da troca de idéias entre os alunos.

Em questão discursiva sobre a concepção dos professores a respeito do espaço biblioteca, constata-se, a partir dos dados obtidos, que a totalidade dos professores reconhece como importante o papel da biblioteca no âmbito escolar. Nesta análise, cabe destacar que os entrevistados atribuem a esse espaço função relevante na formação leitora dos alunos, incidindo como principais aspectos apontados: a) o acesso à leitura e à diversidade de obras, principalmente para aqueles que encontram na escola o único espaço para o contato com os livros; b) o desenvolvimento da competência leitora; c) a formação do hábito de ler; d) a formação do gosto pela leitura, através do estímulo e do incentivo; e) o desenvolvimento intelectual e cultural dos alunos. Além disso, salienta-se que, significativa parcela dos depoimentos de professores (cerca de 30%), atribui tal importância apenas para o desenvolvimento dos alunos, deixando de fazer qualquer menção à relevância do espaço biblioteca para a sua própria formação ou para a melhoria do trabalho pedagógico que desenvolve. Pode-se concluir, a partir desse fato, que um número significativo de professores percebe a biblioteca escolar como espaço de uso do aluno e, conseqüentemente, desconsidera a importância da mediação entre o texto e o leitor como atuação docente e intervenção pedagógica, ou seja, desconsideram a necessidade de intervir pedagogicamente para aproximar a leitura dos seus alunos, planejando e buscando novas e diferentes estratégias para auxiliá-los no desenvolvimento da competência leitora. Deixando de considerar tais aspectos, corre-se o risco de que a biblioteca seja vista como simples apêndice das escolas, sem relação com o fazer pedagógico.

Nos depoimentos, observa-se também ocorrência significativa de críticas por parte dos docentes quanto à inexistência de bibliotecário na escola, indicando a ausência de um profissional especializado como elemento dificultador para a plena utilização desse espaço com os alunos.

Perfil dos responsáveis pelas bibliotecas das escolas

As pessoas responsáveis pela biblioteca são, em geral, mulheres, com experiência profissional significativa. No universo total de respondentes, 85,3% são do gênero feminino, contra 7,3% do gênero masculino. Oito pessoas não responderam à questão (7,3% do total). O cenário encontrado está em conformidade com o perfil do magistério brasileiro. O mais abrangente e recente estudo nessa área, promovido pela UNESCO (2004), registra 81,6% de mulheres ocupando as funções docentes na escola brasileira.

Quase 61% dos responsáveis pelas bibliotecas são professores de diferentes níveis. Entre os demais, destacam-se funcionários também deslocados, caso de Auxiliar de Desenvolvimento Infantil (ADI) e de agentes escolares, coordenadores pedagógicos, que acumulam também essa atividade, perfazendo-se cerca de 11% do conjunto de respostas. O voluntariado é um fator presente, porém bastante discreto. Em uma escola com biblioteca, a responsabilidade é compartilhada entre todos os professores.

A biblioteca pode ser vista, ao menos em termos de administração escolar, como uma estrutura para alocação de professores que não podem ou querem voltar à sala de aula. Tal situação é particularmente visível nas escolas públicas estaduais, onde a grande maioria dos responsáveis é formada por professores readaptados. Um terço dos estabelecimentos pesquisados corresponde a escolas estaduais, número este equivalente ao percentual de professores readaptados que prestam serviço às bibliotecas. Nas escolas municipais, mais da metade dos responsáveis pela biblioteca são professores, vários deles também readaptados. Não obstante o número expressivo de respostas em branco (24%), é possível supor que haja ainda mais professores se ocupando da biblioteca nas escolas municipais, posto o discreto número de voluntários, estagiários e funcionários designados para tal função. Entre os demais responsáveis, por seu turno, a metade deles também são funcionários readaptados. Nos casos restantes, não há uma pessoa específica para responder pela biblioteca ou ainda esse atendimento é feito em sistema de rodízio de funcionários. No

tocante ao perfil dos profissionais responsáveis pelas bibliotecas, algumas afirmações podem ser esboçadas, com razoável margem de segurança:

a) Entre os respondentes não há bibliotecários com formação específica para tanto, evidenciando a falta de um estatuto próprio para o preenchimento dessas vagas, bem como a falta de cargos ou de funções especialmente voltadas para tal setor. Ocorre, portanto, a reprodução de um modelo antigo, presente nas escolas estaduais paulistas, de apresentar como secundária a estrutura da biblioteca, que, historicamente, ressalvadas as exceções, foi sendo construída pelo acúmulo de livros e de publicações, armazenadas em locais propostos como biblioteca;

b) A inexistência de preparação para o trabalho com a biblioteca nas licenciaturas e mesmo em cursos de formação continuada faz sobressair o caráter incipiente do trabalho realizado pelos profissionais para lá deslocados, bem como o voluntarismo do qual se reveste essa função:

c) A idéia de levar adiante a cultura da biblioteca como uma espécie de armazém tende a ser perpetuada não apenas pela falta de preparação específica, mas também por conta da própria faixa etária predominante entre os responsáveis;

d) As considerações feitas anteriormente apontam para a necessidade de formação específica dos profissionais envolvidos na biblioteca, sob a forma de cursos de extensão e mesmo com a inclusão de disciplinas relacionadas ao assunto nas licenciaturas.

Os dados apresentados adiante também apontam essa lacuna em termos de formação. Quase a totalidade (95,4%) das escolas possui biblioteca e cerca de 70% dessas bibliotecas estão em espaço próprio. Em 30% das escolas, a biblioteca está em local compartilhado com outras atividades (como sala de vídeo e laboratório de Ciências) ou mesmo em local improvisado. Tais números sugerem que a biblioteca faz parte da estrutura e mantém relativa estabilidade no conjunto da escola (não sofre com mudanças constantes), ao mesmo tempo em que é expressivo o número de escolas onde a biblioteca não está assentada de maneira apropriada.

Cerca de 90% dos responsáveis acreditam que as condições de acesso, de utilização e de controle da biblioteca são ótimas (32%) ou boas (54%). Apenas 9% dos entrevistados afirmam que as condições são precárias ou muito precárias. A percepção acerca das condições de acesso combina com a informação de que 64,2% dos respondentes consideram adequadas as mesas e cadeiras da biblioteca.

O espaço da biblioteca tende a ser discreto. Embora consideradas em boas ou ótimas instalações, 64% das bibliotecas ficam em locais com até 50m², e cerca de 45% dos respondentes acham que tais locais são espaçosos. Isso ajuda a reforçar o argumento de que os profissionais ali envolvidos têm ligação mais administrativa e menos cultural com a biblioteca. Apenas 9% dos responsáveis falam de precariedade nas condições de guarda e conservação.

Quase a metade dos respondentes assume não realizar atividades de leitura na biblioteca (48,6%), enquanto 43,1% disseram promovê-las. 'Hora do conto' e 'Roda de leitura', somadas, estão em número próximo ao das 'outras atividades'. Essas outras atividades, em grande parte, são acompanhamentos burocráticos de atividades externas, propostas por professores ou pelos próprios alunos, e indicação para a pesquisa bibliográfica.

A biblioteca apresenta-se em grande parte acessível aos estudantes, que podem levar os livros para casa em 78% dos estabelecimentos, e são desobrigados de ler na biblioteca em 93,6% dos casos. No entanto, a prática de controle da saída dos livros, por meio de uma carteirinha, é pequena (apenas 22% das escolas o fazem), o que pode indicar uma frequência discreta à biblioteca. Outras estratégias de registro são utilizadas em menos de 10% das escolas (fichas para o registro de retiradas, marcação em livro próprio etc.). Em aproximadamente 40% dos casos, os alunos vão à biblioteca acompanhados pelos professores.

É provável que as estratégias de controle de saída dos livros aconteçam principalmente nas escolas estaduais (que perfazem quase um terço do total de escolas). Já nas escolas municipais a prática de compor pequenas bibliotecas em salas de aula é bastante comum, embora de maneiras diversas. Cerca de 51% das escolas afirmam ter uma sala ou cantinho de leitura - haveria esse espaço em todas ou em várias salas. Nas demais, haveria uma ou duas salas com tal conformação. Uma escola conta com uma cesta de livros, que circula de sala em sala. Noutra, o professor traz livros de sua casa. Em quase 30% das escolas, os professores levam seus próprios livros para a sala de aula.

Além de contar, em boa parte, com o auxílio dos professores, a biblioteca costuma ter horários específicos para o trabalho com o livro; elas funcionam de acordo com os turnos da escola, acompanhando de perto os horários de entrada e saída de alunos. Em 45% dos estabelecimentos, não há limite de tempo para permanecer na biblioteca. Nos demais, o acesso é mais controlado, variando de 15 minutos (0,9% - numa escola), a sete horas por dia (1,8%), mas se concentrando principalmente em uma hora por semana (33% das escolas). O

acesso controlado deve-se, sobretudo no caso das escolas municipais, às estruturas de biblioteca ainda iniciantes e ainda contando mais com o voluntarismo de funcionários ou professores do que com a própria estrutura. Há diversos arranjos para o uso das instalações, mas, de maneira geral, eles acompanham as aulas de leitura ou de Língua Portuguesa. Os horários específicos para o uso da biblioteca são justificados pela agitação dos alunos, pela falta de responsáveis, pela necessidade de preservação ou de facilitação do manuseio das obras, e mais para garantir tempo de uso para cada turma de alunos.

A título de conclusão

A biblioteca, em termos de iniciativa para o seu funcionamento, depende mais da ação de professores do que dos seus próprios responsáveis. Estes últimos nela atuam essencialmente, ainda que haja exceções, como controladores da circulação das obras. Evidencia-se o papel administrativo, em detrimento do papel mediador. Isso, por seu turno, pode ser facilmente explicado a partir do perfil não especializado dos profissionais deslocados para a biblioteca; entretanto, não é possível afirmar que elas não funcionariam sem a ação direta dos professores. Em vários depoimentos, observa-se a ação, mesmo que isolada, de promoção de trabalhos da/na biblioteca. É fato, porém, que tal ação deve-se mais à iniciativa pessoal de um ou outro agente educacional do que a uma cultura mais abrangente de formação.

Os programas governamentais são responsáveis por cerca de 65% da composição do acervo de obras literárias. Compra direta (17,4%) e doações (10%), estratégias que implicam iniciativa da comunidade escolar, são visíveis; todavia, repercutem pouco no conjunto das obras. As estratégias mencionadas (limitadas a uma ou duas escolas), falam de arrecadação da própria escola, de envio de obras pelas secretarias municipais de Educação e de professores que levam livros seus para a escola.

O empréstimo e a leitura de livros na biblioteca têm números discretos em metade das bibliotecas, mas revelam a existência de um circuito que transforma esse espaço em parte da vida escolar. A biblioteca tem frequência intensa em aproximadamente 20% das escolas, onde, segundo os responsáveis, 80 alunos ou mais (até o número de 240, mencionado em uma das escolas) recorrem a ela diariamente. Em quase metade das escolas (49.6%), a frequência varia entre 20 e 60 alunos por dia, algo equivalente a uma turma de alunos, num dia de pouco movimento, ou até duas turmas de alunos, num dia mais movimentado. Em

23%, a frequência alcança até 20 alunos por dia. Em que pese haver movimentação permanente na maioria das bibliotecas, é possível também dizer que esse trabalho se sustenta, em boa parte das escolas, por conta da ação de determinados professores, ao encaminharem seus alunos para o acervo, para atividades diversas. Sem esse procedimento, a frequência espontânea talvez mostrasse uma realidade com números bastante tímidos.

A ação decisiva dos professores confirma-se ainda no que diz respeito às motivações para a frequência à biblioteca. A ordem ou recomendação de professores é responsável pela maior parte das visitas ao acervo, seguida da curiosidade pessoal (32%) e da sugestão de colegas e familiares (14%). Os funcionários responsáveis pela biblioteca, por seu turno, aparecem discretamente como estimuladores desta frequência. Cerca de 5% das respostas caminham na direção de mostrar o diálogo entre o aluno e o responsável pela biblioteca.

Os dados apresentados mostram um quadro cuja leitura pode apontar elementos promissores e também desanimadores. Por um lado, têm-se profissionais empenhados, estruturas em funcionamento regular, acervos em parte consolidados e um discurso de maneira geral sintonizado entre os agentes, e que sublinha a importância da biblioteca e da literatura de ficção. Por outro lado, a inexistência de bibliotecários, a predominância de estruturas centradas no arquivo e menos na circulação da informação, o despreparo em termos de estratégias para a consolidação da leitura e da biblioteca no imaginário estudantil, entre outros fatores, mostram um território ainda claudicante. O perfil dos livros de maior aceitação entre os alunos, segundo os responsáveis pelas bibliotecas, acaba por denunciar a discreta participação da biblioteca e mesmo do próprio papel do professor como um estimulador efetivo da biblioteca e da leitura literária: os livros de maior aceitação acabam sendo obras difundidas pela mídia contemporânea ou então aquelas que já fazem parte da cultura propriamente escolar. Mas, ainda assim, a presença de autores contemporâneos e mesmo de clássicos juvenis entre as escolhas revela um trabalho efetivo – e, portanto, possível de ser multiplicado - de incentivo à leitura.

Apoio Financeiro

FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Bibliografia

BRITTO, L. P. L. Leitor interdito. In: MARINHO, M.; SILVA, C. S. R. (Orgs.). *Leituras do professor*. Campinas: Mercado das Letras/ALB, 1998.

CHARTIER, A. M. Leitura escolar: entre pedagogia e sociologia. *Revista Brasileira de Educação*, n. 0, set/out/nov/dez. 1995, p.17-52.

COLOMER, T. *Introducción a la literatura infantil y juvenil*. Madrid: Síntesis, 1999.

EVANGELISTA, A. A. M. A leitura literária e os professores: condições de formação e atuação. In: MARINHO, M.; SILVA, C. S. R. (Orgs.). *Leituras do professor*. Campinas: Mercado das Letras/ALB, 1998.

SILVA, E. T. da. *De olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

UNESCO. PESQUISA NACIONAL UNESCO. *O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam*. São Paulo: Moderna, 2004.